



¡PIEDRA, PAPEL, LAGARTO!

ANA SOFIA MARQUES VIANA FERREIRA

ANAFERREIRA@USAL.ES

CÂNDIDO

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

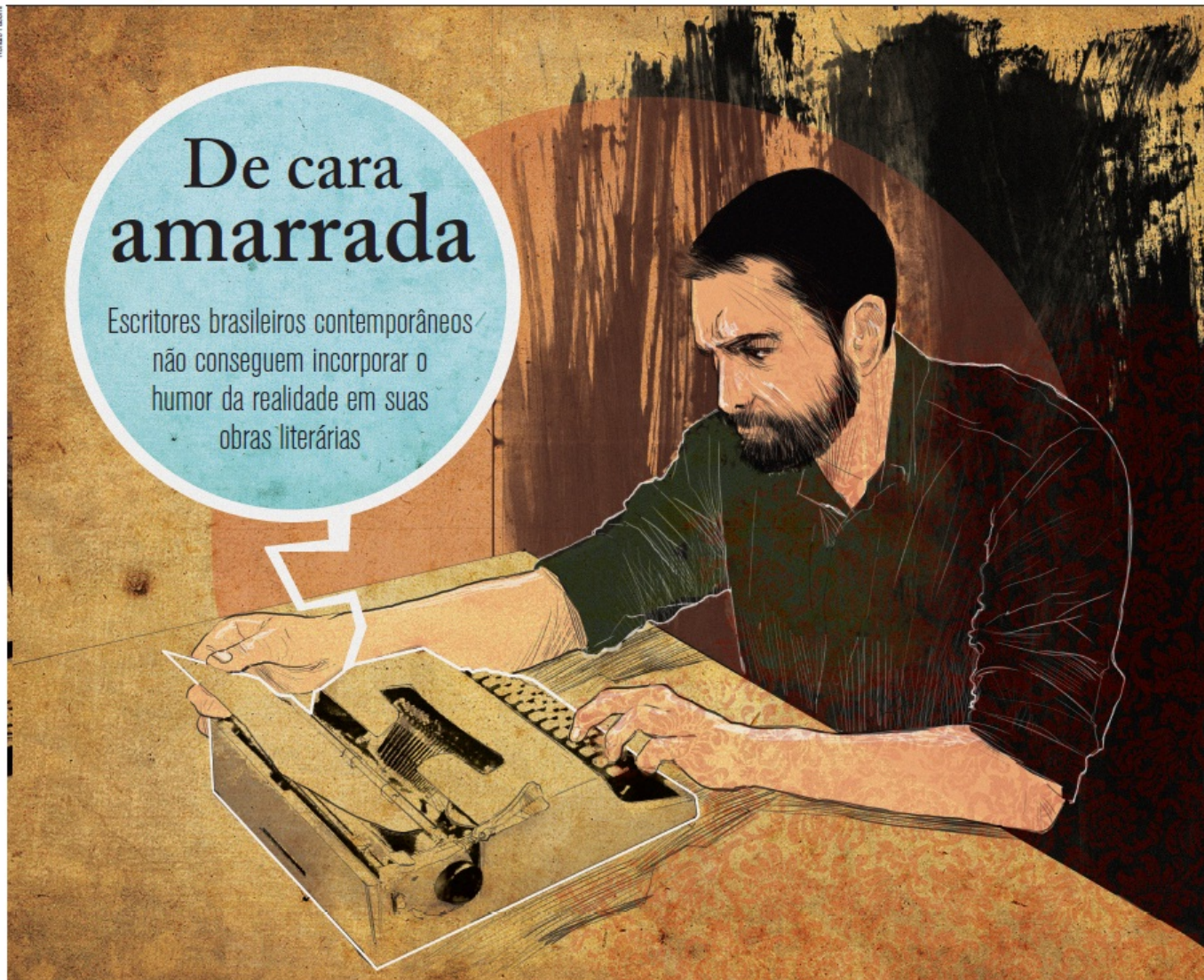
BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

31 FEVEREIRO 2014
www.candido.bpp.pr.gov.br

De cara amarrada

Escritores brasileiros contemporâneos
não conseguem incorporar o
humor da realidade em suas
obras literárias

Renato Facchin



Poema | Ademir Demarchi • Entrevista | José Luiz Passos • Conto | Miguel Sanches Neto

HUMOR EN LA NARRATIVA CORTA O FRAGMENTADA BRASILEÑA

Nada

O presente miniconto tem, exatamente, três parágrafos. Na verdade, nada há nele. Nem uma história, nem um pensamento que preste. Inútil prosseguir em sua leitura.

Como o amigo leitor verifica, já estamos no segundo parágrafo e nada ainda aconteceu. Nem no terceiro parágrafo acontecerá. E nem num quarto hipotético parágrafo, se houvesse, nada nele haveria.

E agora? Vê que o terceiro e último parágrafo começou e até aqui nem verdade nem mentira teve lugar, a não ser que o conto, sendo vazio, nada conta. Como, aliás, prometido e avisado desde o início.

(Wanke, 1989: 48)

Voz

Durante a noite, acordei, agoniado. E ouvi uma voz cavernosa que vinha lá do meu íntimo:

- Levanta-te e anda!
- Embora sonolento, obedeci. Que remédio?
- Levantei-me, andei e fui até o banheiro fazer xixi.

(Wanke, 1992: 62)

Verbo

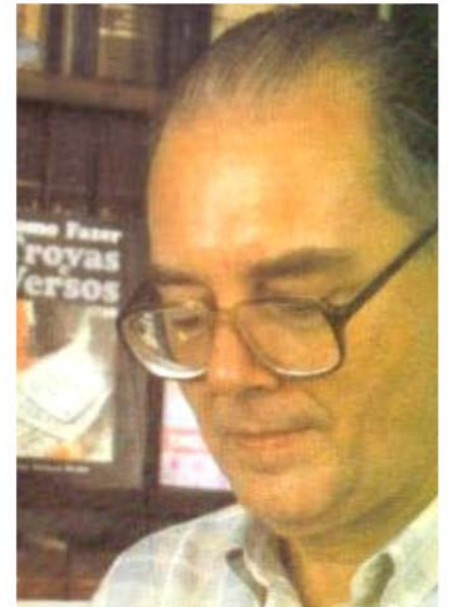
No princípio, era o Verbo.

Depois, vieram o Sujeito e os outros predicados: os objetos, os adjuntos, os complementos, essas coisas.

E Deus ficou contente.

Era a primeira Oração.

(Wanke, 1992: 32)



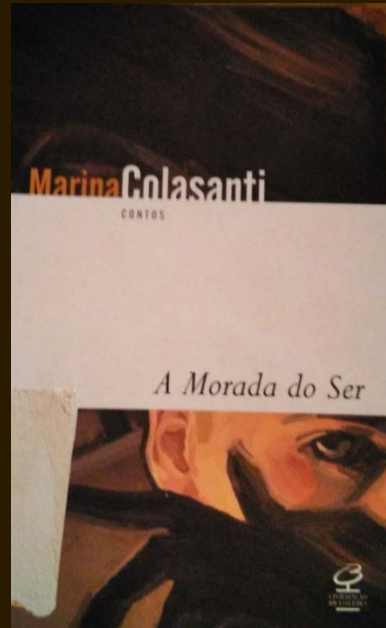
Eno Teodoro Wanke



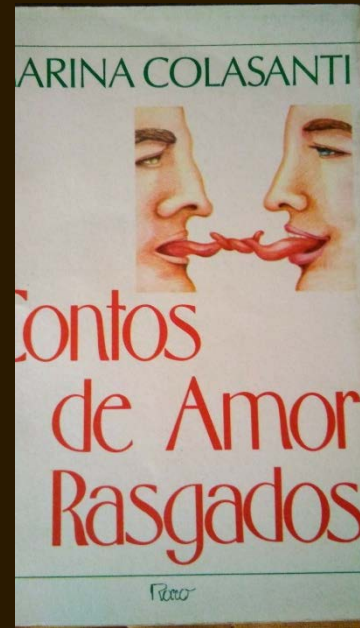
HUMOR Y JUEGO EN LOS
MICRORRELATOS DE MARINA
COLASANTI



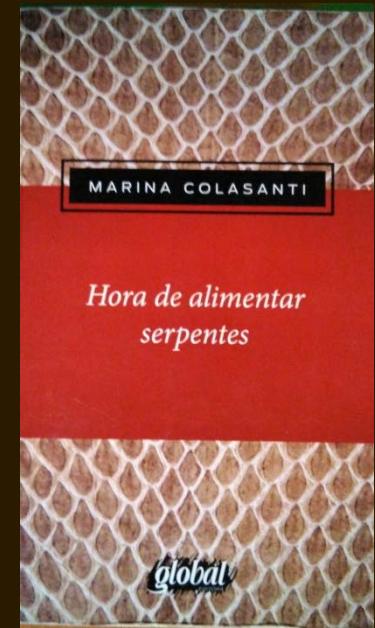
1975



1978



1986



2013

LIBROS DE MICRORRELATO



1. Humor en femenino.

2. Diálogo interdiscursivo.

3. Polifonía y
desautomatización del
imaginario colectivo.

CENA ANTIGA

Amanhece o dia entre neblinas, quando o Bem e o Mal se encontram para mais um duelo. Escolhem as armas nos estojos, aproximam-se para o encontro ritual, encaram-se. Os padrinhos que aguardam ao lado do campo, escuros como as gralhas que saltitam entre restolhos, são instados a partir. Que não haja testemunhas.

Afastados estes, Bem e Mal guardam as armas, envolvem em suas capas e caminham até a taberna mais próxima. Ali, frente a canecos cheios, discutirão estratégias e trocarão conselhos durante dias ou séculos, até o próximo duelo.

(Colasanti, 2013: 99)

OPÇÃO

Para a frente e para trás, vai a menina no balanço da pracinha. Quando cansa da brincadeira, para, e começa a se balançar para os lados.

(Colasanti, 2013: 157)

POIS

- Teu pai, meu filho, era forte como o carvalho no fundo do jardim.
- Mas não há nenhum carvalho, nem temos jardim.
- Justamente.

(Colasanti, 2013: 123)

NÃO ESSA

Encontrou sua outra metade. E teve que renunciar a ela. Era a parte da cintura para cima, o que lhe impediria usar sua própria cabeça.

(Colasanti, 2013: 243)

DIGITIGRADO

Sem saber que o mecanismo de retração das garras estava com defeito, o tigre se coçou atrás da orelha.

(Colasanti, 2013: 269)

DEBAIXO DA ABA

Tirou o chapéu para cumprimentar aquela dama. E a cabeça foi junto.

(Colasanti, 2013: 289)

AQUECIMENTO GLOBAL

Na força da tempestade, despetalou-se inteira a Rosa dos Ventos.

(Colasanti, 2013: 305)

QUEM ANTES

Desejando acabar com a questão de primazia entre ovo e galinha, aquele pinto nasceu antes do próprio ovo.

(Colasanti, 2013: 441)



POR ANTONELLO DI MESSINA

Jerônimo, o Santo, passou a mão sobre os olhos cansados, recostou-se na cadeira. Era hora de dar de comer aos animais, a tigela dourada diante do pavão estava vazia, a perdiz também estaria com fome. A revisão da antiga versão latina do Novo Testamento teria que esperar. Desceu os três degraus do estrado sobre o qual estivera trabalhando, viu que o leão se aproximava pelo corredor. Providenciaria primeiro os grãos para as aves, depois a carne crua para ele. Sabia bem que seus animais eram tão somente símbolos, mas os símbolos – sorriu amoroso o sábio – também precisam ser alimentados.

(Colasanti, 2013: 317)

NO BAR DO PHILLIES

É noite adiantada, e não faz frio. Um homem sai de um edifício, caminha pela calçada, cruza uma e outra rua, e numa esquina para. Chegou ao bar, entra. O mesmo homem está agora sentado ao balcão. Não tirou o chapéu. Bebe. Veio em busca de sons e presenças, para quebrar a solidão da sua própria casa. É tarde, porém, o bar, como as ruas, está quase vazio. Assim mesmo ele fica, protegido pelas paredes de vidro como se num aquário. E, por baixo da aba do chapéu, olha.

Olha o casal que divide com ele o balcão. Tomaram café, as xícaras estão vazias à sua frente. E não se falam. Encostados quase, lado a lado, o vestido dela vermelho como uma plumagem, sorvem o silêncio. Não é uma briga nem um fastio. É uma ausência. Falta a ambos o desejo de falar. E de se ouvir. O homem poderia ir embora, ninguém entra naquele bar, ninguém passa naquela rua. Mas ali são três, embora calados. E no bar, pensa o homem, não corre o perigo de estender a mão e apagar a luz.

(Colasanti, 2013: 49)



PARIS, COM JARRO DE PEIXES

Não se cansava de olhar a reprodução daquele quadro de Matisse, o canto de um cômodo afundado em sombra azul, a leve grade no peitoril da janela, a luz da primavera lá fora quente como um hálito iluminando em rosa o prédio antigo, e suspenso quase, entre os dois, transparência pura, um jarro com peixes vermelhos. Sentia-o tão íntimo, tão parecido consigo mesmo, que tentou recriá-lo em sua própria casa.

Providenciou sofá com almofadas, semelhante ao que se entrevia a um canto, grade em volutas de ferro batido, a banqueta sobre a qual pousava o jarro, e peixes vermelhos. Só a paisagem, aquele vivo rosa palpitando lá fora, não estava ao seu alcance. Ainda assim, estendido por vezes no sofá, o olhar pousado no mover-se lento dos peixes, gostava de imaginar-se parte daquela primavera ilusória. Teria continuado feliz com seu arranjo, não deparasse, bem mais tarde, com outra versão do quadro, pintada por Matisse no outono do mesmo ano. O cômodo já não acolhia o olhar, nenhum espaço em sombra nem sofá nem almofadas, em seu lugar volumes retos, um mero aceno de volutas, e além delas a paisagem reduzida a um azul plano e indiferente como um lençol estendido. Matisse renunciara justamente à primavera cor de carne que ele tanto desejara. E, no jarro, os peixes vermelhos estavam aprisionados em água espessa como gesso.



(Colasanti, 2013: 105)

Primeira história de insônia

Porque o sono se recusa a emantá-lo na cama, um homem começa a contar carneiros. Dos que se aproveita o lobo, para deslizar sorrateiro na cena e posicionar-se, boca aberta, do outro lado da cerca.

(Colasanti, 2013: 33)



Segunda história de insônia

O lobo insone decide contar carneiros. Mas ao ver o primeiro saltando a cerca, não resiste. Lança-se atrás dele, e o persegue até acabá-lo em sangue. Cheio o ventre, adormece saciado.

(Colasanti, 2013: 67)



Terceira história de insônia

Ausente o lobo, dormem os carneiros no redil.
Menos um. Que para chamar o sono decide
contar homens pulando a cerca

Mas o primeiro se recusa a fazê-lo. E está
armado.

(Colasanti, 2013: 103)



Quarta história de insônia

Enfurecidos com o homem que, noite após noite, lhes impede o sono obrigando-os a saltar cercas, os carneiros invadem a cama e com cascos e dentes o adormecem para sempre.

(Colasanti, 2013: 131)



Quinta história de insônia

Demasiado fracos os carneiros, para afastar sua insônia, o homem convoca os lobos. Olhos amarelos e cheiro de matilha, o primeiro aproxima-se da cerca, pronto ao salto. Cintila nas mandíbulas a branca lâmina dos caninos. O homem, ameaçado, foge para a proteção do sono.

(Colasanti, 2013: 175)



Sexta história de insônia

Desejando se exercitar, o carneiro accionou a insônia do homem.

(Colasanti, 2013: 211)



Oitava história de insônia

O sinal acendeu-se no redil. Atendendo ao chamado, o carneiro calçou as botas, alcançou o chicotinho e, já em sela, esporeou o cavallo rumo à pista de salto.

(Colasanti, 2013: 299)



Nona história de insônia

A ovelha mais velha do rebanho vestiu sua gasta pele de lobo e foi uivar a um canto na insônia do homem. Já não lhe restavam forças para saltar cerca.

(Colasanti, 2013: 321)



Décima história de insônia

- Você sabe por que te chamei? - pergunta o homem ao cordeiro.
- Sei - responde o cordeiro confiante - , para que eu pule a cerca e mate a tua insônia.
- Perdeu! - diz o homem - Para tirar tua pele e fazer um casaco, para tirar tua carne e fazer um churrasco. Não sem antes cortar tua garganta e oferecer-te a Deus.

(Colasanti, 2013: 365)



Outra história de insônia

A vantagem de ser a ovelha negra do rebanho: quando o homem insone convoca as outras para saltar cerca, ela pode ficar dormindo no redil.

A desvantagem de ser a ovelha negra do rebanho: quando o homem insone convoca as outras para saltar cerca e ela fica sozinha no redil, por ser mais rara torna-se iguaria gastronômica para o lobo.

(Colasanti, 2013: 379)



Mais uma história de insônia

Noite funda. O homem dorme, as ovelhas dormem, dorme o lobo. Do alto da torre, pontual como um relógio, o observador lança a mensagem tranquilizadora: “Torre número um, nada de novo!”. Quietamente no escuro, o inimigo rastejante espera apenas que ele vire a cabeça.

(Colasanti, 2013: 405)



Última história de insônia

O homem, deitado. O quarto, escuro. O sono, ausente. Silêncio.

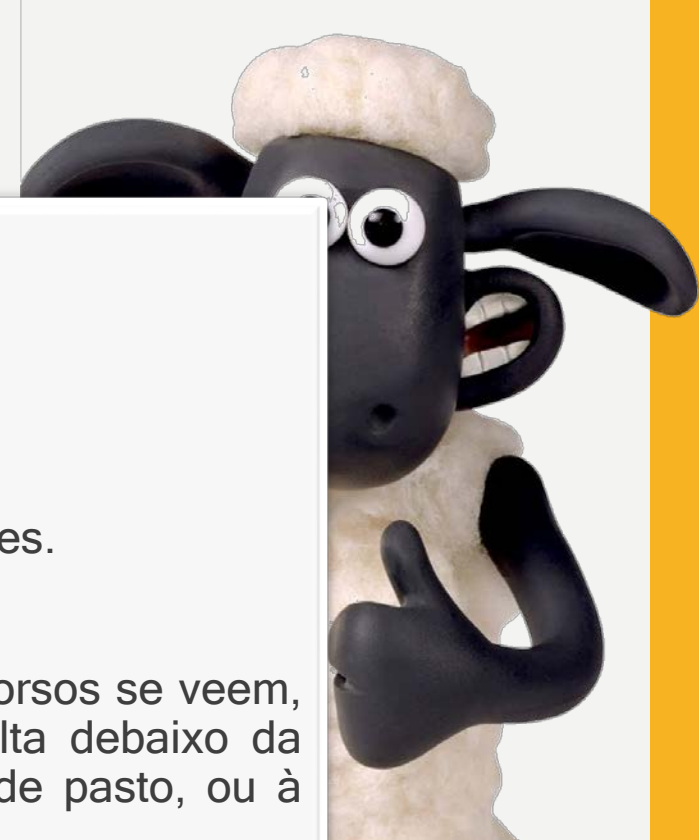
O homem começa a contar carneiros. O primeiro, os outros subsequentes.

O homem para de contar, olha.

Há um rebanho, agora, do lado de lá da cerca. Cabeça baixa, só os dorsos se veem, ondulantes e claros. Não brancos, claros apenas, como a pele oculta debaixo da funda lã. Serenos, os carneiros se deslocam lentamente, à procura de pasto, ou à espera. Mansidão e paz emanam deles como um calor.

O homem alonga o braço, colhe o casaco no espaldar da cadeira, levanta-se. Precisar­á de um cajado, e também de um cão. Mas isso resolverá adianta. Por enquanto, a sua voz basta para tocar o rebanho. Têm muito chão pela frente, é melhor se apressar. A primavera deve estar chegando nas campinas da alta montanha.

(Colasanti, 2013: 439)



EM PELE DE

Aproxima-se o escurecer quando o cordeiro abre o armário, escolhe a mais hirsuta pele de lobo, veste-a, e sai.

Volta, noite alta. Sem que fosse necessário matar qualquer criatura – repugna-lhe o sangue– uivou alto para a lua e, afundando patas na neve rente às primeiras casas da aldeia, semeou medo e respeito.

(Colasanti, 2013: 385)

ESPÉCIE DE ROTEIRO PARA CORVO E RAPOSA

Todas as cenas – Exterior – Dia.

Alguma grama ao pé de árvore cuja alta copa mais intuímos do que vemos. Em quadro, além do tronco, só um galho.

Cena 1

A raposa prepara-se para saborear um perfumoso camembert pousado à sua frente, na grama.

Atento, no galho acima dela, o corvo tudo observa.

Antes que a raposa ataque o queijo, ergue as penas do rabo e caga com certa pontaria, despejando sua carga bem no centro da forma branca.

Surpresa da raposa. Que olha o queijo, olha desconfiada para um lado, torna a olhar o queijo, olha para o outro lado. Do alto chega a voz do corvo.

- Comadre raposa, não posso acreditar que a senhora, tão bela, tão elegante sempre, com pelo tão brilhante e inigualável cauda, vá comer queijo tão imundo.
- De fato, compadre corvo, não é coisa para mim. Estava justamente olhando ao redor, para ver se descobria alguém, mais do que eu, indicado para recebê-lo.

Cena 3

Close na raposa que olha para cima.

Gostaria de lhe oferecer esta iguaria, compadre corvo.

Pausa. A raposa faz dengo de frágil donzela.

- Mas não tenho forças, não tenho mesmo – a raposa abaixa a cabeça frisando sua impotência – para atirá-lo tão alto.

Cala-se esperando que suas palavras atinjam o objetivo.

Depois, com voz densa e sedutora:

- Mas se o senhor estiver interessado...

Cena 4

Big close nos olhos amarelos da raposa, que
Baixa lentamente as pálpebras.
Ouve-se o farfalhar das asas do corvo.

Cena 5

O corvo pousa junto ao queijo. E já abre o bico,
quando a raposa lhe salta em cima, e de uma só
bocada o devora.

Cena 6

Uma pena preta volteia no ar. A raposa colhe a
pena. E com ela entre os dentes limpa
cuidadosamente o camembert, que comerá de
sobremesa.

(Colasanti, 2013: 79-80)

Indicações para roteiro do 1º Ano

1 – Externo – Paraíso Terrestre – Dia – Luz de sol intensa
Irado com a desobediência ao seu único interdito, Deus expulsa Eva e Adão do Paraíso Terrestre.
A maçã, causa do desastre, vai com eles.

ATENÇÃO: não usar efeitos especiais para a ira do Senhor.
Passagem de tempo.

2 – Externo – Mesmo cenário – Dia – Luz em decréscimo.
O Paraíso Terrestre continua inalterado. As feras passeiam, os pássaros voam, as flores se abrem.
Mas a ira de Deus não se esgotou com a expulsão, e ele pensa em alternativas.

3 – Externo – Mesmo cenário – Quase anoitecendo.
Cintila o olhar divino. Castigo pior tem em mente.
Chama de volta os dois infratores.
E se retira, deixando tudo para eles. Mas levando consigo a Harmonia.
Close no galho da Árvore.
Big close na Serpente que desliza.

(Colasanti, 2013: 179)

OBRAS CITADAS

De Assis, Machado. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Traducción de A. Alatorre. Biblioteca Americana, 1951 [1880].

Colasanti, Marina. *Hora de Alimentar Serpentes*. São Paulo: Global Editora, 2013.

Wanke, Eno Teodoro. *A Máquina do mundo*. Porto Alegre: Edições Caravela, 1989.

-----. *Babel*. Porto Alegre: Editora Alcance, 1992.

Dibujos de liniers.com y Nick Parker.

¡GRACIAS!

ANAFERREIRA@USAL.ES